

DANIEL PIRES

DICIONÁRIO
DA
IMPrensa PERIÓDICA
LITERÁRIA
PORTUGUESA
DO
SÉCULO XX
(1900 - 1940)



Grifo

Shi

sença (19); Almada Negreiros polemizou com Dutra Faria (19).

Outros colaboradores: Adolfo Casais Monteiro, Albino Lapa, Alfredo Pimenta, Álvaro Pinto, António Botto, Aquilino Ribeiro (2ent, etc.), António Patrício (2P in), Augusto Casimiro, Diogo de Macedo, Eugénio de Castro (19P in), F. A. de Oliveira Martins, Fernanda de Castro, Fidelino de Figueiredo, Henrique Campos Ferreira de Lima, Jaime Batalha Reis (1ct in), João Barreira, João de Barros, João de Castro Osório, Joaquim Manso, José Bacelar, José Pacheco, Judite Teixeira, Luís Forjaz Trigueiros, Manuel Lopes, Manuel Teixeira Gomes, Maria Archer, Mário Beirão, Mário Dionísio, Mário Saa, Mayer Garção, Norberto Araújo, Philéas Lebesgue, Sílvio Lima, Victorino Nemésio (22).

SUPLEMENTO LITERÁRIO E ARTÍSTICO DO DIÁRIO ILUSTRADO

Dirigido e editado por João Ferreira, publicou-se em Lisboa, de 19 de Julho a 28 de Setembro de 1925, totalizando dez números. Raul Leal assinou o poema «O Gládio de Deus» sendo estampada uma fotografia menos conhecida de Fidelino de Figueiredo. Outros colaboradores: Alfredo Pimenta (3P), Lorjó Tavares, Marcos Algarve (4P), Nogueira de Brito (9P), Zuzarte de Mendonça.

SUPLEMENTO LITERÁRIO E ILUSTRADO – A BATALHA

A primeira tentativa de criação de uma imprensa sindicalista sem vínculo partidário nem carácter especificamente corporativo data de 1908, com a fundação do quotidiano *A Greve*. O jornal durou apenas alguns meses, tendo mesmo assim publicado 146 números. Em 1911, numa fase orgânica mais avançada da organização operária, surge o hebdomadário *O Sindicalista*, que irá durar até 1916, a despeito das perseguições de vária ordem de que foi vítima por parte das autoridades republicanas. Extinto *O Sindicalista*, a União Operária Nacional (UON), criada em 1914, tentará substituí-lo lançando o mensário *Movimento Operário*, que durará de 1916 a 1918 com a publicação de seis números apenas.

A organização operária achava-se muito afectada pelas dificuldades resultantes da I Grande Guerra e da instabilidade política nacional (mobilizações para França e para as colónias, consulado sidonista, agitação popular motivada pela carestia de vida e carência de géneros de primeira necessidade, revolta monárquica). Restabelecido o regime parlamentar, a UON decide dar o passo há muito almejado: a criação de um diário operário a que se pôs o nome de *A Batalha* e viu a luz em 23 de Fevereiro de 1919. O jornal precedeu de poucos meses a

conversão da UON em Confederação Geral do Trabalho (Setembro de 1919), passando automaticamente a porta-voz desta última. O seu primeiro redactor principal (o termo director suscitava alguma repugnância) foi Alexandre Vieira, operário tipógrafo que havia desempenhado já idênticas funções nos periódicos atrás mencionados. *A Batalha* subsistirá como quotidiano até 1927, a despeito de apreensões, suspensões, assaltos, empastelamentos e prisão de militantes. Terceiro jornal diário no sul do país, a sua tiragem variava entre 10 mil e 20 mil exemplares, tendo atingido episodicamente os 70 mil. A sua influência foi no entanto maior do que estes números sugerem, dado que a pobreza e o elevado índice de analfabetismo do proletariado português levava a que muitos trabalhadores rurais e industriais se agrupassem para a aquisição e leitura em comum do jornal. Só assim se explica que a sua memória perdure ainda tantas décadas decorridas entre a população trabalhadora mais idosa.

Além da classe operária *A Batalha* aglutinou sectores progressistas da burguesia, sendo numerosos os jornalistas e intelectuais que colaboraram nas suas páginas. Este facto, bem como a existência duma plêiade de operários cultos autodidactas, explica o lançamento, a partir de 2.12.1923, dum «Suplemento Literário e Ilustrado». Saía este às

segundas-feiras, dia em que não se publicava o diário em virtude da folga dominical. O suplemento, pelas suas características mais formativas do que noticiosas podia ser preparado e impresso com antecedência. Feito em rotativa (tecnologia então moderna), chegou a tirar 6 mil exemplares. Os seus redactor-principal e editor eram os mesmos de *A Batalha*, sendo os primeiros, respectivamente, Carlos José de Sousa e Carlos Maria Coelho. O primeiro foi substituído em 1924 por Manuel da Silva Campos e, em 1925, por Santos Aranha, que dá lugar a Joaquim de Sousa e Alberto Dias em 1926. As funções de redactor principal recaíam finalmente em Mário Castelhana, sendo igualmente nomeado novo editor na pessoa de Silvino de Noronha. Estes publicariam apenas um número, o 166º e último, do suplemento, em 31.01.1927. O grupo editor de *A Batalha* lançou ainda, em Julho de 1925, uma revista “de novos horizontes sociais” intitulada *Renovação*, que versava temas de “arte, literatura e actualidades”, com periodicidade quinzenal e de que se publicaram 24 números.

O «Suplemento Literário» tinha, como o diário, oito páginas. Na 1ª aparecia geralmente um editorial ou artigo de fundo sobre temas de actualidade social e política, embora por vezes tratasse de temas de índole mais especificamente cultural.

A última era a página juvenil, intitulada «Chico, Zecas e C^a» que, mau grado o título, tinha evidentes intuítos educativos. A penúltima página intitulada «O que todos devem ser» tinha por subtítulo «Aproveitemos os nossos dias de descanso para nos instruímos um pouco» e versava temas muito variados – história, ciência, medicina, higiene, arte, ofícios, etc. – numa linguagem acessível. As páginas restantes eram preenchidas por temática diversificada em que se salientam as exposições teóricas do sindicalismo e do anarquismo, biografias dos seus pensadores e militantes, temas sociais como a pena de morte, a longa campanha contra as touradas, a luta contra a oficialização e regulamentação da prostituição (em que se salientou o advogado Arnaldo Brazão), a situação da mulher, em especial trabalhadora, a escola, medicina e higiene para o grande público (Adelaide Cabette, José Crespo), religião, desporto e muitos outros. Contos, crítica de livros e biografias de grandes escritores eram assuntos obrigatórios onde a colaboração de Ferreira de Castro mais se salientou. Mas a poesia, a música (crítica de espectáculos, biografia de grandes compositores a cargo, sobretudo, de Nogueira de Brito mas também de Francine Benoit e outros) e o teatro, tanto sob a forma de peças publicadas como na de crítica de espec-

táculos (Adolfo Lima e outros) eram constantes. Não podendo entrar numa análise pormenorizada de temas e autores, mencionaremos contudo que, além dos já referidos, foram colaboradores mais ou menos assíduos do suplemento Adriano Botelho, Alexandre Vieira, Alfredo Marques, Campos Lima, Carneiro de Moura, Carvalhão Duarte, César Porto, Clemente Vieira dos Santos, Cristiano Lima, David de Carvalho, Deolinda Lopes Vieira, Eduardo Frias, Jaime Brasil, João Camoegas, José Benedy, José Carlos de Sousa, Julião Quintinha, Ladislau Batalha, Ladislau Piçarra, Manuel Joaquim de Sousa, Mário Domingues, Pinto Quartim, Raul Brandão, Rocha Martins, Vasco da Fonseca e muitos outros. De entre os ilustradores, cumpre realçar Stuart Carvalhaes, não esquecendo todavia Bernardo Marques, Guilherme Filipe, Roberto Nobre ou Rocha Vieira.

Encerrada *A Batalha*, após a revolução anti-ditatorial de 7.02.1927, autorizada a 1 de Abril para ser novamente encerrada a 26 de Maio, foram as instalações do jornal na Calçada do Combro, 38A, 2^o, assaltadas e destruídas em 2 de Novembro por ordem ou, pelo menos, com a cobertura governamental. Em 1930, foi autorizada novamente a sua publicação como semanário, sendo definitivamente suspensa ao cabo de treze números, em Dezembro do mesmo ano. Daí em diante, *A*

Batalha passará à clandestinidade, publicando-se em 1934 (3ª série), 1935-1937 (4ª série) e 1946-1949 (5ª série), num total de quatro dezenas de números. Edições interrompidas pela constante perseguição policial, com sucessivas apreensões de tipografias clandestinas e detenção de militantes. Só em 1974, após o 25 de Abril, foi possível retomar a publicação de *A Batalha* por iniciativa de um grupo de militantes mas já sem suporte sindical e com as dificuldades económicas e outras daí resultantes. Desde Fevereiro de 1927 que não voltou a ser possível publicar o «Suplemento Literário» e é altamente improvável que volte a sê-lo.

Bibliografia: BAPTISTA, Jacinto, *Surgindo Vem ao Longe a Nova Aurora... (Para a História do Diário Sindicalista "A Batalha" (1919/1927))*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977; Id., «Para a História do Diário Sindicalista A Batalha. O Suplemento "Literário Ilustrado"», in *Diário Popular* (Lisboa) (12.02.1976); FREIRE, João, *Anarquistas e Operários (Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: o Anarquismo e o Operariado em Portugal, 1900-1940)*, Porto, Edições Afrontamento, 1942; VIEIRA, Alexandre, *Em Volta da minha Profissão*, Lisboa, 1950.

LUÍS GARCIA E SILVA

TAQUÍGRAFO

Publicação científica e literária fundada em Lisboa, em 1908, por

Bernardo Simões, dois números. Não existe na Biblioteca Nacional.

TARALHÃO

Quinzenário humorístico e literário publicado em Guimarães, de 24 de Agosto a 23 de Novembro de 1924, sete números dirigidos e editados por David Braga. Colaboração de Coca-Bichinhos, Mefistófeles, Não te Rales, Píndaro.

TEATRÁLIA

Revista de arte dirigida e editada por Francisco Lage em Lisboa, propriedade e administração de Félix do Amaral. Dois números datados de Fevereiro e Março de 1913.

Eis os vectores principais da sua actividade: «Todo o esforço realizado no sentido de desenvolver a cultura geral do actor, de aperfeiçoar o ofício, de enobrecer a profissão, parece-me neste momento, um esforço útil e fecundo. A publicação de *Teatrália* integra-se nesse momento, que reputo eficaz, de dignificação profissional.»

Nas suas páginas são reproduzidas peças e publicados ensaios sobre a problemática cénica.

Principais colaboradores: Adolfo Coelho (2), António Pinheiro (1), Bento de Mântua (1,2), Hipólito Raposo (2), Júlio Dantas (1,2), Luís Barreto (1, 2) e Manuel de Sousa Pinto (1).